

## O NU MASCULINO NA ARTE CONTEMPORÂNEA, OPINIÃO PÚBLICA E CENSURA

Abel Oliveira<sup>1</sup>

**Resumo:** A presente pesquisa trata-se de um trabalho introdutório que visa estudar algumas das principais e recentes manifestações artísticas brasileiras que geraram polêmica ao explorar o nu, em especial a nudez masculina. No recorte deste artigo em específico foram selecionadas as *performances* “La Bête” e “DNA de DAN”, respectivamente, dos artistas brasileiros Wagner Schwartz e Maikon K. A partir da descrição dessas duas apresentações emblemáticas, que suscitaram grandes discussões no ano de 2017, se pretende aqui compreender como as categorias “erotismo” e “nudez” sempre se associam de um modo negativo e como isso tem forte relação com a forma com que muitas pessoas reagem de modo agressivo às *performances* que, supostamente, delas fazem uso. Contempla-se também a discussão sobre os elementos reguladores do dispositivo da sexualidade e dos discursos constituídos sobre a mesma. O levantamento bibliográfico foi o principal método utilizado para o desenvolvimento desta pesquisa – assim como o recorte de matérias publicadas em revistas e jornais sobre os casos – e os estudos de teóricos como Foucault (1999), sobre repressão e sexualidade, e Priore (2011), sobre erotismo na história do Brasil, foram de grande importância para a fundamentação deste trabalho.

**Palavras-chave:** arte, erotismo, nudez masculina.

Em 2017, o Brasil foi cenário de intensas e tensas movimentações políticas. Momento de crise, de quebra de paradigmas e de grandes conturbações ideológicas. O setor cultural e artístico foi uma grande vítima desse momento, que ainda perdura, uma vez que o “fantasma” da censura irrompeu e colocou muitos questionamentos sobre a arte em evidência, muitos não bem-intencionados.

A seguir, a partir do método de levantamento bibliográfico e recortes de algumas abordagens midiáticas, se apresenta na primeira parte uma descrição de dois casos de censura e repercussão nacional quanto à *performance* de dois artistas que usaram a nudez como gênero e linguagem de suas expressões artísticas. Trata-se de Maikon K em sua apresentação “DNA de DAN” e Wagner Schwartz com “La Bête”. Na sequência, elucida-se sobre a relação entre erotismo e nudez na sociedade brasileira e como a arte

---

<sup>1</sup> Pós-graduando do curso de Especialização em Gestão Cultural pela Universidade Estadual de Santa Cruz – UESC. E-mail: abel.snts@hotmail.com

historicamente tem associado e, principalmente, desassociado estas categorias, fundamentado nos estudos de teóricos como Foucault (1999) e Priore (2011).

## **Censura e Mobilização Virtual: Alguns Casos de 2017**

### **La Bête (Wagner Schwartz)**

Wagner Miranda Schwartz é um *performer* e coreógrafo brasileiro que nasceu na cidade de Volta Redonda, no Rio de Janeiro. Formado em Letras, atualmente é um dos grandes nomes da *performance* brasileira. Wagner, desde 2002, elabora projetos no formato de solos que problematizam a figura do estrangeiro entre línguas, culturas, cidades e instituições. Além disso, faz parte de grupos de pesquisa e experimentação coreográfica na América do Sul e na Europa<sup>2</sup>.

Dentre suas principais e mais recentes obras figuram “Piranha” do ano de 2009, que foi vencedora do Prêmio APCA (Associação Paulista de Críticos de Arte) de Melhor Projeto em 2012, e “La Bête” de 2015, seu último trabalho que veio adquirir repercussão nacional no ano de 2017, quando executada na 35º Panorama de arte Brasileira, uma exposição bienal que aborda a arte no país e propõe reflexão sobre a identidade brasileira, no Museu de Arte Moderna (MAM) de São Paulo.

Em “La Bête”, de concepção do próprio Wagner Schwartz e realizado com o apoio do Fórum Internacional de Dança (FID), Schwartz manipula uma réplica de plástico de uma das esculturas da série *Bichos* (1960), de Lygia Clark. O objeto permite a articulação das diferentes partes do seu corpo através de suas dobradiças. Em determinado momento da apresentação, é dado ao público a oportunidade de participar. O tempo de duração da *performance* fica em torno de 50 minutos.<sup>3</sup>

O trabalho de Schwartz, como supracitado, é uma inspiração da obra “Bichos” de Lygia Clark, uma série de esculturas com dobradiças que permite que todas elas não tenham uma forma fixa, mas sejam passíveis de mudanças de acordo com a interação do público, característica que atribui vida à sua obra. Na releitura de Schwartz, ele usa uma

---

<sup>2</sup> Informações obtidas no site pessoal do artista Wagner Schwartz. Disponível no link: <<  
<https://www.wagnerschwartz.com/bio>>>. Acesso em: 14 abr. 2018.

<sup>3</sup> Idem.

réplica feita de material plástico de uma das esculturas de Clark (1960) ao passo em que se põe nu e passa a integrar junto à réplica outro bicho, também disposto à intervenção do público. Sendo assim, o artista se transforma numa escultura performática, e da mesma forma que as outras esculturas, ele também exige a participação dos espectadores para ganhar vida.

Ao visitar as galerias da cidade francesa, me deparei com uma das esculturas “*Bichos*”, de Lygia Clark, exibida dentro de uma caixa de vidro. Ela era feita de metal. Era maior que minhas mãos. Tinha por volta de oito partes, planas e pontiagudas como golas de camisa, envelhecidas pelo tempo. [...] Quando foram criados, na década de 1960, os *Bichos* permitiam a articulação das diferentes partes do seu corpo através de suas dobradiças. Nas exposições, eles somente realizariam a sua função como obra de arte quando houvesse a participação do público. Em 2005, ao ver um *Bicho* preso, prometi a ele e a mim mesmo que iria retirar seu corpo de dentro daquela caixa de vidro, para que a relação entre o objeto e as pessoas fosse retomada. [...]

Os *Bichos* não foram concebidos para serem observados, mas para serem manipulados. Clark considerava a ação das pessoas que formam um público tão importante quanto as suas esculturas, porque, de fato, essa ação é parte integrante de suas esculturas. No momento em que um *Bicho* é fechado dentro de uma caixa de vidro, desconsidera-se a ação da pessoa, desconsidera-se uma parte da obra, desconsidera-se uma das partes dos *Bichos*.

À vista disso, eu me senti trancado. E, de fato, precisava encontrar uma forma de transformar a sensação de ter sido preso. Seria impossível, no entanto, “soltar” aquela escultura da caixa de vidro, já que eu não podia adquirir um original. Para que seus movimentos voltassem, pensei, *eu* deveria me tornar um *Bicho*. Comprei uma réplica de plástico e criei (a performance) *La Bête*. (SCHWARTZ, 2018)<sup>4</sup>

Contudo, no dia 26 de setembro de 2017, tal *performance* ganha destaque e gera mobilizações nas redes sociais a partir da *viralização* de um vídeo que recorta uma parte da *performance* em que uma criança toca o pé do artista Schwartz, num momento em que o mesmo se encontra nu. A criança em questão estava acompanhada de sua mãe, a *performer* e coreógrafa Elisabeth Finger, também amiga de Schwartz.

A repercussão virtual ganhou força quando o Movimento Brasil Livre (MBL) juntamente com outros movimentos de direita replicaram o vídeo e demais fotografias,

---

<sup>4</sup> Fragmento de entrevista cedida pelo Wagner Schwartz à Eliane Brum do jornal El País. Disponível no link: <<[https://brasil.elpais.com/brasil/2018/02/12/opinion/1518444964\\_080093.html](https://brasil.elpais.com/brasil/2018/02/12/opinion/1518444964_080093.html)>>. Acesso em: 16 abr. 2018.

fora de contexto, nas redes sociais associando-o a um crime e supondo que a criança havia se sentido constrangida quando induzida a aquele ato, tido como libidinoso. A partir disto, diversas acusações de pedofilia e de base moral tomaram as redes sociais, apontando a instituição e o artista como culpados.

A respeito do ocorrido, o Museu de Arte Moderna que recebeu a *performance* informou em nota<sup>5</sup> que havia uma sinalização referente ao conteúdo da apresentação, incluindo a presença da nudez artística, na sala. Nu, este, não-erótico.

Porém, como se sabe, a nossa sociedade vincula quase que instantaneamente a nudez ao erotismo, de modo que aquele não pode ocorrer sem fazer referência ao outro. Os tabus que se sobrepõem a um corpo nu podem ser percebidos nesse caso também na forma como a mídia e a sociedade de forma geral tratou e se referiu ao caso, a partir das expressões “o homem nu”, “o rapaz nu”, “o homem nu do museu”, “o rapaz nu do MAM”, entre outras variações que coloca a nudez com marcadora ideológica e detentora de sentido negativo. A este respeito, Schwartz em entrevista ao jornal *El País*, comenta:

Quando se dirigem a mim como o “rapaz nu” ou como o “homem nu”, ao invés de “o artista Wagner Schwartz” ou “Wagner Schwartz, autor de *La Bête*”, a ação performativa é eliminada e minha existência como artista também desaparece. [...] Será que, nesse caso, não deveríamos nos perguntar por que é tão necessário destacar a nudez que acontece em um trabalho artístico que é mostrado dentro de um museu? [...] a frase “o homem nu do MAM” ou o “rapaz nu do MAM” pode criar imagens distorcidas sobre o que aconteceu na abertura da exposição. Dizer “um homem estava nu em um museu e foi tocado por uma criança” é muito diferente de dizer “um artista, ao fazer a sua performance, foi tocado por uma criança”. A primeira frase pode gerar medo, repúdio. A segunda pode produzir curiosidade – afinal, um dos atributos da arte. Materializar a ligação pessoa-obra afasta as fantasias. (SCHWARTZ, 2018)<sup>6</sup>

Schwartz levanta então uma questão muito pertinente: a dos jogos de manipulação utilizadas pela mídia para criar imagens e fortalecer ideais e interesses próprios. No entanto, não foram só os grandes conglomerados de comunicação que lançaram mão desse recurso; nas redes sociais diversos perfis (entre os de grande

<sup>5</sup> Nota emitida pelo Museu de Arte Moderna em sua página no *Facebook*. Disponível no link: <<<https://web.facebook.com/MAMoficial/posts/1739164126114627>>>. Acesso em: 14 abr. 2018.

<sup>6</sup> Fragmento de entrevista cedida pelo Wagner Schwartz à Eliane Brum do jornal *El País*. Disponível no link: <<[https://brasil.elpais.com/brasil/2018/02/12/opinion/1518444964\\_080093.html](https://brasil.elpais.com/brasil/2018/02/12/opinion/1518444964_080093.html)>>. Acesso em: 16 abr. 2018.

destaque – como perfis de políticos e artistas famosos – como de perfis sem grande alcance público) utilizaram esse artifício de comunicação persuasiva a fim de que seu argumento pareça correto.

Dessa maneira, os discursos foram lançados nas redes. Muitas discussões de indivíduos com pensamentos opostos ocorreram, todavia, o que mais se pode notar é que a configuração das plataformas de redes sociais na atualidade mais contribui para unir pessoas com ideologias semelhantes ou iguais, do que gerar contato entre posições contrárias. As ferramentas de endereçamento da informação – como as *hashtags*, por exemplo - são grandes aliadas para a manutenção dessa conjuntura.

#### 1.1. DNA de DAN (Maikon K)

Maikon Kempinski é um artista paranaense que desenvolve um trabalho que coloca o corpo como central nas suas discussões ao relacionar *performance*, dança e teatro. Entre suas criações estão “Corpo Ancestral”, “Terrário” e “O Ânus Solar”, além de “DNA de DAN”, *performance* aqui destacada.

“DNA de DAN” é uma *performance* que atende ao formato de dança-instalação, na qual o artista Maikon K, dentro de um ambiente inflável criado pelo artista Fernando Rosenbaum, mantém-se imóvel enquanto uma substância seca sobre seu corpo. Na sequência, Maikon K começa a se mover, desconstruindo a pele que se formou sobre ele, gerando, assim, uma nova pele. As mutações corporais do artista e a proximidade com o público, que pode entrar e ficar dentro da bolha, configuram os dois elementos primordiais desta *performance*.

DNA de DAN, vencedora do Prêmio Funarte de Dança Klauss Vianna, teve sua estreia na cidade de Curitiba (PR), no Museu Oscar Niemeyer (MON). Em 2015, fez parte da exposição Terra comunal, da artista sérvia Marina Abramovic, no Sesc Pompeia (SP), e de lá pra cá, circulou por diversas cidades do Brasil – Belo Horizonte, Porto Alegre, Campina Grande, todos em locais públicos – integrando o projeto Palco Giratório, do Sesc.

Porém, no dia 15 de julho de 2017, na cidade Brasília, tal *performance* estava em plena execução em frente ao Museu Nacional da República quando policiais militares interromperam a apresentação e prenderam o artista Maikon K.

Um grupo de PMs rasgou a peça de plástico onde realizava a ação. Uma chave de braço depois, Maikon estava em uma viatura policial, sem sapatos ou documentos, escoltado por duas motos em direção a uma delegacia. Para não permanecer em uma cela, o artista assinou um termo circunstanciado de ato obsceno. (FORTES, 2017)<sup>7</sup>

A partir disso, novamente eclode nas plataformas de redes sociais – *facebook* e *twitter*, principalmente – uma série de discursos revoltosos e dicotômicos: forma-se então o grupo dos que se mostram contra a detenção do artista e dos que são a favor.

Em liberdade, e em entrevista ao portal UOL, Maikon K, por sua vez, garante que não se intimidará diante de atos repressores como este:

O meu corpo afronta os seus canais entupidos, o seu ódio contido, mesmo estando parado. Porque vocês nunca vão me controlar e eu pagarei o preço, eu sei, eu sempre paguei. Porque parado ali, nu, imóvel no meio da praça, suas vozes me atravessam, suas piadas estúpidas tentam me derrubar, sua indiferença me faz rir, seu embaraço me dá dó, mas eu continuo em pé. (KEMPINSKI, 2017)<sup>8</sup>

Em setembro do mesmo ano Maikon K volta a *performar* “DNA de DAN” novamente em Brasília no Festival de teatro Cena Contemporânea. Nesse mesmo evento, participa também da intervenção fotográfica intitulada “Fotona”, do fotógrafo e galerista brasileiro Kazuo Okubo, que realizou um registro fotográfico com aproximadamente 150 pessoas nuas. Tal ato é simbólico e representou a resistência da arte em um contexto de crescimento das forças conservadoras. Mas são estes dois casos – o de Wagner Schwartz e o de Maikon K – isolados fruto de meros equívocos ou falhas de comunicação? Ou seria sintomático de uma sociedade que não é educada – e nem sabe educar - estética e sexualmente?

---

<sup>7</sup> Matéria escrita por Luanna Fortes, intitulada “Censura/autocensura: Moralismo contra a arte”. Disponível no link: <<<https://www.select.art.br/censura-moralismo-contra-arte/>>>. Acesso em: 16 abr. 2018.

<sup>8</sup> Fragmento de entrevista de Maikon K. cedida a Miguel Arcanjo Prado para o “Blog do Arcanjo”. Disponível no link: <<<https://blogdoarcanjo.blogosfera.uol.com.br/2017/07/16/artista-respeitado-maikon-k-e-presos-por-ficar-nu-em-performance/>>> Acesso em: 16 abr. 2018.

## **2. Erotismo e nudez na sociedade contemporânea**

Contemporaneamente, a sociedade se encontra num estado emblemático no que se refere às maneiras de lidar com o seu corpo e com o corpo do outro, especialmente quando estes corpos se encontram despidos. A nudez corporal, sem dúvidas, está presente em várias esferas e espaços da vida moderna e nem sempre gera incômodo, uma vez que cada vez mais é banalizada e integra a paisagem urbana-virtual da atualidade.

Contudo o tema ainda é tabu e geralmente desperta histeria quando se trata de um nu total – com exposição de partes íntimas. A nudez que se naturaliza dia após dia é uma nudez hipócrita, eufêmica, com tarjas, fios-dentais e tapa-sexos. Fora isso, só se consegue conviver com o nu em locais privados – banheiros e quartos – e outros supostamente íntimos – como o ambiente virtual, onde se encontra uma gama de serviços e produtos que exploram o nu em formas pornográficas.

Longe disso, o nu é sempre polêmico. Colocar-se despido diante da sociedade é se colocar automaticamente em posição de vulnerabilidade. E é por essa via que a arte tem lançado mão do nu historicamente como ferramenta para desconstrução de si – do artista – e das configurações sociais, seus padrões comportamentais e visuais. Até porque, não é apenas estar nu uma dificuldade de nossa sociedade, mas também, e, talvez, principalmente, o enxergar o nu do outro.

Não se sabe olhar. Para onde direcionar os olhos. Porque ver um pênis e uma vagina fora de contexto sexual/íntimo gera desconforto. Porque não conseguimos ver, sem enxergar que por trás do órgão genital existe um sentido erótico. Ausência de educação sexual e estética.

Quando se pensa a exposição do corpo masculino se depara com obstáculos ainda maiores, a sua representação historicamente sempre esteve vinculada a um ideal moral, a qual fazia eliminar o mínimo de traço erótico ou delicado do seu corpo e o fazia ser construído de modo enrijecido e disposto ao trabalho.

Contudo, uma distinção importante, porém não unânime, é a que deve ser feita entre as categorias de pornográfico e erótico. Silva (2007) cita Abreu (1996) para dizer que ambos os termos possuem uma relação com o sentido de transgressão e de sexualidade. Portanto, para que seus significados sejam compreendidos é preciso que se considere o contexto histórico em que se inserem. “[...] a característica essencial dos



dois conceitos é a sexualidade. Ao erotismo é deixada a possibilidade de sentimento amoroso. A pornografia, por sua vez, supõe certa capacidade de excitar os apetites sexuais de seus consumidores, algo que fale à libido.” (2007, p. 58)

Contudo, essa diferenciação só faz sentido no campo discursivo.

O senso comum costuma classificar as imagens dos órgãos sexuais como pornográficas, mas isso é um preconceito contemporâneo, facilmente refutável quando pensamos em outras culturas e em outras temporalidades como a dos gregos antigos, por exemplo, possuíam uma relação com o corpo mais aberta e menos contaminada por um moralismo. (MEDEIROS, 2008, apud. BUENO, 2011, p. 4)

Foucault (1999), em “História da Sexualidade I – A Vontade de Saber” aponta como a sexualidade foi utilizada como um dispositivo que desde o século XVIII esteve a favor do poder burguês; fundamentando a sexualidade num jogo de interditos, criou-se disciplinas para tornar os corpos dóceis e o sexo algo controlado.

Por sua vez, Foucault discorda que tal controle da população por meio da sexualidade tenha sido implantado por mecanismos repressivos; o autor acusa a produção excessiva de discursos – o científico, em especial – como produtora e reguladora das verdades que se aplicaram ao sexo, relacionando-o às diversas esferas político-sociais e econômicas:

A sociedade que se desenvolve no século XVIII — chame-se, burguesa, capitalista ou industrial — não reagiu ao sexo com uma recusa em reconhecê-lo. Ao contrário, instaurou todo um aparelho para produzir discursos verdadeiros sobre ele. Não somente falou muito e forçou todo mundo a falar dele, como também empreendeu a formulação de sua verdade regulada. Como se suspeitasse nele um Segredo capital. Como se tivesse necessidade dessa produção de verdade. Como se lhe fosse essencial que o sexo se inscrevesse não somente numa economia do prazer mas, também, num regime ordenado de saber. Dessa forma, ele se tornou, progressivamente, o objeto da grande suspeita; o sentido geral e inquietante que, independentemente de nós mesmos, percorre nossas condutas e nossas existências; o ponto frágil através do qual nos chegam as ameaças do mal; o fragmento de noite que cada qual traz consigo. Significação geral, segredo universal, causa onipresente, medo que nunca termina. (FOUCAULT, 1999, p. 68)

Ferreira e Silva (2011) concorda com Foucault e acrescenta:

Estaríamos, portanto, segundo Foucault, equivocados em imaginar que o mecanismo básico de constituição do poder na sociedade moderna fosse sexualmente repressivo, ou seja, estruturado sobre a pudicícia. O



poder moderno e produtivo, ele estimula, disponibiliza, potencializa, e não vive exclusivamente como força negativa, coercitiva. Pelo contrário. A biopolítica, ou seja, o controle biológico dos indivíduos e das populações que a modernidade põe em movimento, necessita que se discuta e se postule constantemente a centralidade da sexualidade na vida humana. (FERREIRA & SILVA, 2011, p. 150)

A forma como o movimento renascentista tomou o nu feminino exemplifica bem essa ideia.

[...] a exposição da nudez feminina funcionou como uma maneira de controlar e determinar a sexualidade e os comportamentos das mulheres. Os quadros que circulavam nas grandes galerias retratavam mulheres idealizadas, que denotavam padrões vigentes naquela sociedade e cujo comportamento deveria ser seguido. Por isso, Nead explica que o surgimento de um gênero pictórico como o “nu feminino” foi um ato de regulação, e que uma de suas principais finalidades teria sido conter e regular o corpo sexualizado da mulher (NEAD, 1998, p. 18 apud. BARRETO, 2014, p. 2).

Para Mary Del Priore (2011) o Renascimento apenas expôs o nu, mas sem se aprofundar nos significados que suas imagens produziam.

Se a intimidade não era regra para todos, cobrir o sexo era lei. O Renascimento, apesar de seu amor pela beleza física, jamais discutiu a questão da nudez. Deu-lhe apenas outro sentido. Ver uma mulher nua, segundo o filósofo francês Montaigne, esfriava mais o ardor sexual do que incitava à tentação. [...] o uso dos vestidos fendidos, que nada escondiam, os fez desgostar profundamente das mulheres. Viva o pudor feminino – alimento ao desejo masculino! (PRIORE, 2011, p. 26)

Todavia, o renascimento tem sua relação com o surgimento da noção de erotismo, que na atualidade está associado intrinsecamente ao nu, porém, nem sempre foi assim.

1500: Pleno desabrochar do Renascimento na Europa e chegada dos “alfacinhas” ao Brasil. Em 1566, é dicionarizada na França, pela primeira vez, a palavra erótico. Designava, então, “o que tiver relação com o amor ou proceder dele”. Na pintura, o humanismo colocava o homem no centro do mundo – e não mais Deus –, descobrindo-se os corpos e o nu. Nu que, hoje, associamos ao erotismo. Mas era ele, então, sinônimo de erotismo? Não. Isso significa que as palavras, os conceitos e seus conteúdos mudam, no tempo e no espaço; o que hoje é erótico, não o era para os nossos avós. (PRIORE, 2011, p. 15)

A mudança ocorre no discurso. Na contemporaneidade, são as plataformas de redes sociais por onde se trafega o maior número de discursos a respeito do que se passa na realidade social, nelas são depositadas constantemente diversas falas e opiniões que são emitidas por indivíduos com ou sem propriedade sobre o assunto, e muitas vezes, sem o menor comprometimento com a veracidade das informações que se propagam. Coloca-se então em conflito a tão cara liberdade de expressão com os discursos discriminatórios e odiosos que se percebe crescer atualmente, especialmente nas discussões que envolvem arte, sexualidade e corpo.

O exercício abusivo da liberdade de expressão é potencializado com a generalização do acesso à internet que permite às pessoas assumir uma posição ativa na relação comunicacional ao saírem da posição de receptores da informação e passarem à posição de criadoras de conteúdos, os quais podem ser divulgados de maneira instantânea, sobretudo nas mídias sociais como *Facebook*, *Twitter* e *Instagram*, com acentuada velocidade de propagação e uma aparente possibilidade de anonimato. (ROTHENBURG & STROPPIA, 2015, p. 2)

E são nestas plataformas onde está sendo produzido novas verdades a respeito de nossos corpos. O nu e, conseqüentemente, a sexualidade continuam sendo reguladas não pela sublimação de falas, mas pelo excesso delas. No universo virtual, muito se emite, porém pouco se contextualiza: recortes, imagens, fragmentos são lançados o tempo todo na rede sem comprometimento com uma ética, a fim de deturpar informações e atos e construir ficções a serviço de interesses próprio.

### **Considerações finais**

O que as *performances* de Wagner Schwartz e Maikon K. evidenciam é que a visão sobre a arte no Brasil ainda é muito limitada. Indicam também que os desafios que as representações do nu masculino artisticamente enfrentam se referem às leituras morais que se fazem dele. Ao invés de um julgamento estético-crítico sobre as obras, são feitas análises baseadas em premissas conservadoras, ademais são usados marcadores ideológicos como a “família brasileira” e as “nossas crianças” para ir contra

propostas que visam expandir os conceitos e leituras sobre nossos corpos e sexualidades.

As mídias sociais constituem um mecanismo muito importante para se perceber a opinião pública, no entanto, faz-se preciso compreender também os artifícios discursivos utilizados para manipulação da informação, uma vez que os métodos de repressão e censura estão presentes nesse excesso comunicacional das redes sociais. Além disso, tais mídias também podem ser aliadas, ao passo em que o próprio nu também deve sê-lo, afinal, o nu não é apenas uma linguagem ou estado do ser humano, mas um vetor que age diretamente num processo de desconstrução de estruturas de pensamentos demasiado conversadores e opressores, contribuindo para o entendimento do corpo enquanto uma ferramenta de resistência política.

### Referências Bibliográficas

BARRETO, Nayara Matos. **O corpo feminino nas artes visuais: Nudez, sexualidade e empoderamento.** 2014, p. 1-15. Disponível em: <<<https://www.maxwell.vrac.puc-rio.br/23052/23052.pdf>>>. Acesso em: 19 fev. 2018.

BUENO, Eric Allen. **A nudez entra em cena. Fotografia, cinema e televisão:** um balanço visual do desnudamento feminino brasileiro nas décadas de 1960, 1970 e 1980. Anais do XXVI Simpósio Nacional de História – ANPUH – São Paulo, julho 2011, p. 1-13. Disponível em: <<[http://www.snh2011.anpuh.org/resources/anais/14/1300564015\\_ARQUIVO\\_Eric\\_Artigo\\_ANPUH\\_2011\\_CINEMA.pdf](http://www.snh2011.anpuh.org/resources/anais/14/1300564015_ARQUIVO_Eric_Artigo_ANPUH_2011_CINEMA.pdf)>>. Acesso em: 19 fev. 2018.

BRUM, Eliane. Fui morto na internet como se fosse um zumbi da série The Walking Dead. **Jornal El País.** Disponível no link: <<[https://brasil.elpais.com/brasil/2018/02/12/opinion/1518444964\\_080093.html](https://brasil.elpais.com/brasil/2018/02/12/opinion/1518444964_080093.html)>>. Acesso em: 16 abr. 2018.

FERREIRA, Jonatas & SILVA, Antônio Ricardo. **A Experiência Contemporânea da Nudez.** Revista Crítica de Ciências Sociais. Centro de Estudos Sociais da Universidade de Coimbra, 2011.

FORTES, Luanna. Censura/autocensura: Moralismo contra a arte. **SELECT.** Disponível no link: <<<https://www.select.art.br/censura-moralismo-contra-arte/>>>. Acesso em: 16 abr. 2018.

FOUCAULT, Michel. **História da sexualidade I: a vontade de saber.** 13ª Ed. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1999.

Museu de Arte Moderna. *Facebook*. Disponível no link: <<  
<https://web.facebook.com/MAMoficial/posts/1739164126114627>>>. Acesso em: 16  
abr. 2018.

PRADO, Miguel Arcanjo. Artista respeitado, Maikon K é preso por ficar nu em  
performance. **Blog do Arcanjo**. Disponível no link:  
<<[https://blogdoarcanjo.blogosfera.uol.com.br/2017/07/16/artista-respeitado-maikon-k-  
e-preso-por-ficar-nu-em-performance/](https://blogdoarcanjo.blogosfera.uol.com.br/2017/07/16/artista-respeitado-maikon-k-e-preso-por-ficar-nu-em-performance/)>>. Acesso em: 16 abr. 2018.

PRIORE, Mary Del. **Histórias Íntimas: sexualidade e erotismo na história do Brasil**.  
São Paulo: Planeta, 2011.

ROTHENBURG, Walter Claudius & STROPPIA, Tatiana. **Liberdade de Expressão e  
Discurso do Ódio: O Conflito Discursivo Nas Redes Sociais**. V Congresso  
Iberoamericano de Investigadores e Docentes de Direito e Informática. UFSM -  
Universidade Federal de Santa Maria, 2015.

SILVA, Ellis Regina Araújo da. **Representações sociais e Imagens em Fotografias do  
Corpo Masculino em Revistas Gays**. Universidade de Brasília (UNB), Programa de  
Pós-graduação em Comunicação. Brasília: UNB, 2007.